

QUEM FALA POR PLATÃO EM SEUS DIÁLOGOS? UM ESTUDO DE CASO

Dennys Garcia Xavier*

RESUMO: Aqui, pretende-se explorar – sem a pretensão da completude ou do tratamento exaustivo – alguns dos aspectos constitutivos da assim denominada *teoria platônica da comunicação filosófica*, a partir de um “estudo de caso”, qual seja: a composição dramatúrgica do diálogo *Teeteto*. Para tanto, a partir da recíproca determinação implicada na estrutura bipolar *personagens/natureza temática do diálogo*, busca-se tratar da caracterização teatrográfica do personagem Teeteto e sugerir chave de leitura do diálogo baseada também em uma leitura cruzada com algumas das informações extraídas da *República* sobre a formação do dialético. Por fim, tenta-se demonstrar a íntima relação entre determinação prosopográfica e dimensão artística do diálogo; dimensão esta que, esperamos, poderá servir ao estudioso como uma verdadeira *meridiana* pelo intrincado percurso pensado para o diálogo em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, Estudo de caso, *Teeteto*, Prosopografia, Comunicação filosófica

WHO SPEAKS FOR PLATO IN HIS DIALOGUES? A CASE STUDY

ABSTRACT: Here, we intend to explore - without the claim of completeness or exhaustive treatment - some of the aspects that constitute the so-called *Platonic philosophical theory of communication* by means of a “case study”, namely: a dramaturgical composition of *Theaetetus*. To do so, we seek to deal with the artistic characterization of Theaetetus and suggest key to reading the dialogue also based on a cross-reading with some of the information extracted from the *Republic* about the formation of the dialectic. Finally, we attempt to demonstrate the close relationship between prosopographical determination and artistic dimension in the dialogue; a dimension that might serve the scholar as a true *meridian* across the intricate route of the the dialogue.

KEYWORDS: Plato, Case study, *Theaetetus*, Prosopography, Philosophical communication.

* Professor Adjunto de História da Filosofia Antiga pela *Universidade Federal de Uberlândia* (UFU), Brasil. Doutor em *Storia della Filosofia* pela *Università degli Studi di Macerata* (UNIMC/ CAPES), Itália. Pós-doutor em História da Filosofia pela *Universidade de Brasília* (UnB) e pela *Universidade de Coimbra* (UC). Vice-presidente da *Sociedade Brasileira de Platonistas* (SBP). Diretor-acadêmico do *Núcleo de Estudos em Filosofia Antiga e Humanidades* (NEFAH), da *Universidade Federal de Uberlândia* (UFU). E-mail: dennysgx@gmail.com

O jovem Teeteto entre história e ficção literária.

Acompanhado de Arquita e de Leodamante, Teeteto comparece na lista compilada por Proclo entre os grandes matemáticos do IV século associados a Platão. A ele é frequentemente atribuída a paternidade de relevantes contribuições, entre as quais destacam-se o estudo dos números irracionais¹ e dos poliedros regulares (mais precisamente, ao que parece, da inscrição do octaedro e do icosaedro na esfera, dois dos sólidos “platônicos” presentes no *Timeo*)². Mas quanto exista de verdadeiramente seu em tais contribuições é difícil precisar. Uma parte dos comentadores tende a atribuir-lhe certas elaborações que a outra parte, por sua vez, interpreta como aquisições ulteriores, de paternidade diversa (o que faria de tais elaborações simples intuições). Aceitar uma ou outra depende também de quanto acredita-se Teeteto tenha vivido, ou ainda, com que intensidade tenha se dedicado às ciências matemáticas: se participou, pessoalmente, das investigações produzidas na Academia ou se apenas lançou, *ab ovo*, as bases sobre as quais os Acadêmicos – e os pósteros em geral – desenvolveram os seus estudos³.

O Teeteto que Platão põe em cena no diálogo homônimo, não obstante isso, é um *meirakion*, isto é, um jovem. A sua descrição dramática não deixa espaço a equívocos: estamos diante de um indivíduo cuja aparência exterior – não bela como a de Sócrates (143 e 4-9) – está em nítido contraste

¹ Euclides, *Elementos*, X, 9. *Teeteto*, 147 c 7 – 148 b 8.

² Euclides, *Elementos*, XIII, 13-18. *Timeu*, 55 d 8 – 56 c 7.

³ Para uma melhor compreensão dos termos que envolvem tal polêmica, cfr. NAILS, Debra. *The people of Plato: A Prosopography of Plato and Other Socratics*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2002, pp. 274-278. MELE, Alfonso. *Il Teeteto platonico tra storia e finzione letteraria*, In. *Il Teeteto di Platone: strutture e problematiche*. A cura di G. Casertano. Napoli: Loffredo Editore, 2002, pp. 246-255.

Quem fala por Platão em seus diálogos?

com a natureza dos seus talentos e da sua aptidão físico-intelectual (185 e 3-5). Efetivamente, o Teeteto do nosso diálogo é “maravilhosamente dotado por natureza”, aprende com notável facilidade e é tanto “amável” quanto possui “coragem superior a de qualquer um” (144 a 1-5). É ainda atlético, “penetrante”, livre em relação ao dinheiro, de boa memória e enfrenta os estudos com “calma”, “segurança” e “eficácia”, o que lhe garante resultados surpreendentemente incomuns para a sua pouca idade (144 b 3 - d 4). Do mestre Teodoro, diz aprender noções de “geometria”, “astronomia”, “harmonia” e “cálculo” (145 c 7 – d 3). Um Teeteto, em suma, que, não por coincidência, como veremos, 1) evoca parte do conteúdo histórico-biográfico que subjaz e sustenta a criação literária de Platão e; 2) apresenta-se como o protótipo delineado na *República* (VI-VII) do indivíduo preparado para receber o maciço volume de estudos e treinamentos próprios da formação do dialético (diálogo que, desta perspectiva, torna-se instrumento fundamental para a recuperação de características que sustêm a composição dramática do *Teeteto* e, por via de consequência, da mensagem filosófica de fundo que porta consigo).

A tarefa de Teeteto no diálogo que lhe rende homenagem não é de pouca monta. O seu talento, a sua extraordinária capacidade e a sua formação científica de base, entretanto, são as credenciais que justificam e, ao mesmo tempo, requerem a sua presença na cena imaginada por Platão. Que ele está disposto a enfrentar a empreitada o atesta, desde o início, a sua postura diante do convite de Sócrates (ratificado ainda por Teodoro) (146 b 1 – c 5):

Dennys Garcia Xavier

TEETETO: É mesmo necessário responder, Sócrates, visto que o ordenas. De fato, de qualquer forma, caso cometa algum erro, me corrigireis⁴.

Depois de ter estabelecido, em acordo com Teeteto, que “ciência” (*episteme*) e “sabedoria” (*sophia*) são, no contexto do diálogo, uma só e mesma coisa (145 d 4 – e 7), a tarefa confiada ao jovem matemático é apresentada, como é típico do jogo filosófico de Platão, sob a máscara irônica de uma “pequena dúvida” (145 d 4-7, 145 e 8-9):

SÓCRATES: É exatamente isto que me traz problema e que não consigo, por mim mesmo, compreender suficientemente: o que, afinal de contas, é ciência?

A primeira resposta de Teeteto ao problema posto por Sócrates é a seguinte (146 c 7 – d 2):

TEETETO: Parece-me, então, que também as disciplinas que se podem aprender de Teodoro sejam ciências (*epistamai*) – a geometria e o que elecaste há pouco –, e que a arte do sapateiro e todas as artes (*technai*) dos outros trabalhadores, todas no seu complexo e cada uma delas, não sejam outra coisa senão ciências.

Resposta que contém um erro de base imediatamente denunciado por Sócrates: ao invés de oferecer uma resposta “simples” ao problema (146 d 4), Teeteto elenca uma série de ciências e artes (ou técnicas) que, como um todo, não individualizam o aspecto essencial que poderia definir a ciência

⁴ A tradução do grego – tal como registrado na edição crítica *Platonis Opera*, estabelecida por J. Burnet, Oxford 1892-1906 (com várias edições) – é de quem escreve.

Quem fala por Platão em seus diálogos?

enquanto tal (146 d 3 – e 5). Por isso mesmo, diz Sócrates, a questão não é saber (146 e 7-10)

(...) de quais objetos seja a ciência, nem quantas sejam as ciências. Propondo a questão, de fato, não queríamos enumerar as ciências, mas, isso sim, saber o que é a ciência em si mesma.

Teeteto entende de pronto a natureza do erro presente na sua definição e o comprova citando um problema matemático que requer procedimento análogo ao solicitado pela questão posta por Sócrates: um contra-exemplo derivado de uma aula de Teodoro sobre a irracionalidade das raízes quadradas que soluciona, em plano metodológico, o problema concernente à definição de *episteme*, qual seja: reunir em “uma idéia” (*eni eidei*) de ciência as muitas ciências, isto é, de avançar, como fez o jovem matemático, da multiplicidade à unidade de uma verdadeira definição (147 d 3 - 148 d 7).

Dissemos acima parecer-nos evidente a íntima relação entre a imagem que Platão delinea de Teeteto e a do guardião ideal proposta na *República*. O aparato descritivo forma uma rede entrecruzada de termos superlativos referentes a um tipo de homem que, entre outras coisas, “não se deixa seduzir pela riqueza”, “sociável”, é “disposto ao aprendizado”, “dotado de boa memória” e de uma mente que (486 b 6 – d 11)

(...) seja originariamente bem equilibrada e refinada, de modo que a sua natural predisposição espontaneamente a oriente para a apreensão da Idéia do ser de cada coisa em particular.

E mais ainda: um homem “dedicado à pátria”, “resistente aos prazeres e às dores” e não submetido às dificuldades causadas pela “exaustão” ou pelo “medo”⁵. Um conjunto de qualidades, insiste Platão tanto no *Teeteto* (143 e 4 – 144 b 7) quanto na *República*, difíceis de serem encontradas em um jovem (503 b 7-10):

pensa, então, quão poucos (*oligoi*) existirão destes homens, porque aquela natureza que reconhecemos neles é sobremaneira raro que em todas as suas componentes nasça em uma só pessoa (...).

De fato, o *Teeteto* do nosso diálogo traz consigo todas as prerrogativas *paidêuticas* do dialético e o texto que lhe consagra tributo não apenas se presta a descrevê-las/reafirmá-las como também a indicar, mediante recurso *artístico-teatrográfico*, os primeiros passos rumo à sua correta utilização, isto é, aplicadas segundo clara tensão filosófica. No *Teeteto*, por isso mesmo, o aluno de Teodoro torna-se a imagem paradigmática do reformador platônico das disciplinas preparatórias à verdadeira filosofia, isto é, a voz de um Platão que se põe em nítida oposição a um emprego difuso e, por assim dizer, *a-científico* das ciências intelectuais de base, cuja potência transformadora era frequentemente ignorada pelos que as praticavam com intenções puramente práticas. De um ponto-de-vista doutrinário, então, a presença cênica de *Teeteto* é, a um só tempo, modelo ideal a ser seguido e ponto de resistência programático contra um modelo histórico-cultural de prática *adynamica* das ciências necessárias à boa formação do filósofo porque “aptas

⁵ De fato, o comportamento de *Teeteto* na batalha e a decisão de voltar para casa mesmo estando gravemente ferido não deixam dúvidas: estamos diante de um homem que possui todas essas características. *Teeteto*, 142 a 6 – d 3.

Quem fala por Platão em seus diálogos?

a guiar rumo à verdade”⁶. Eis, por isso mesmo, a fundamental relevância da *summa* matemática do VII livro da *República* no contexto do nosso estudo. Trata-se, de fato, de um texto no qual Platão fornece informações essenciais não apenas sobre os diversos usos aos quais as matemáticas se prestam mas também, em certa medida, sobre os caracteres e perfis dos homens que as cultivam, sobre a sua natureza e modos de proceder: referências textuais explícitas que jogam luz preciosa sobre os matemáticos do *Teeteto*.

O passo matemático da *República VII* e a prosopografia do *Teeteto*.

O contexto no qual o estudo das matemáticas surge na *República* é sobremaneira preciso: buscaram-se “disciplinas” ou “saberes” (*mathemata*) que detenham o “poder” (*dynamis*) de arrastar a alma “do âmbito do devir àquele do ser” (521 c 5 – d 7) – isto é, um conhecimento que conduza à “verdadeira filosofia” (*philosophian alethe*) (521 c 5 – d 4) – e que, ademais, não seja “inútil aos homens de guerra” (521 d 11). Tal como postos por Platão, os termos da pesquisa apontam já para uma distinção fundamental: as disciplinas procuradas procedem segundo níveis diversos de apropriação teórica, emblematicamente dispostos no interior do binômio “técnica/arte” (*techne*) e “sciência” (*episteme*). Uma distinção não semântico-terminológica – dado que *techne* e *episteme* são vozes, por assim dizer, *reciprocáveis* no interior do complexo de disciplinas matemáticas da *República* – mas de preferência uma caracterização funcional: os mesmos conhecimentos podem ser utilizados seja em sua dimensão prático/elementar, seja naquela mais alta, como ciências do intelecto (ou *dianoéticas*)⁷.

⁶ *República*, VII, 525 b 1.

⁷ Cfr. *República*, VII, 533 d 4 – e 2. Para as disciplinas matemáticas enquanto *technai*, cfr. *República*, 518 d 3, 522 b 4-6, 522 c 1-7, 532 b 6, 533 b 3 – c 7; enquanto *epistemai*, cfr. *República* 522 a 3, 522 c 1-7, 527 a 1, 529 b 3, 530 d 6, 533 c 7 – e 7, 540 a 4.

As primeiras disciplinas-candidatas relevantes capazes de responder às exigências impostas pela pesquisa são a aritmética e o cálculo (522 c 6-7), saberes que alicerçam todos os outros conhecimentos (522 c 1-2), e que, por isso mesmo, devem ser estudados – tal como o fez Teeteto – “antes dos outros” (*en protois*) também na ordem do tempo (522 c 2). De fato, no âmbito das *mathemata* em que o saber e o poder se implicam mutuamente, a aritmética e o cálculo são parte fundamental de uma pedagogia *psico-ginnica* – porque de ginástica da alma se trata – à qual devem submeter-se os futuros filósofos e defensores (VI, 503 b 5), para amadurecer a capacidade de chegar aos *megista mathemata* (VI, 503 e 3-4, 504 a 3, cfr. 504 d 4 – e 1), e, em particular, ao *megiston mathema* que coincide com a idéia de Bem (VI, 505 a 2)⁸.

Acompanha-as, por um critério de “afinidade”, a geometria (526 c 5-11), saber que de imediato tem removida a sua parte *banausica* (cfr. 522 b 4-7) – isto é o seu vínculo ordinário com as atividade práticas/contingentes – em benefício de um seu emprego mais nobre, vale dizer, em função do “conhecimento do que existe sempre e não do que em um certo momento é gerado ou perece” (527 b 5-6). Também aqui a proposta de Platão passa pela inversão radical da perspectiva do vulgo que, arrebatado pelo imediatismo operativo dos conhecimentos matemáticos de base, toma a coisa em si mesma menos importante – neste caso, a sua utilidade prático-rudimentar – por aquela mais importante, para dizê-lo com Aristóteles.

Depois das disciplinas totalmente dedicadas aos números (525 a 9-11) e da geometria, Platão evoca ainda uma outra ciência-irmã, a

⁸ CATTANEI, Elisabetta. *Le matematiche al tempo di Platone e la loro riforma*, In. *Platone: La Repubblica*. Traduzione e commentario a cura di M. Vegetti, Vol. V, Libri VI-VII. Napoli: Bibliopolis, 2003, pp. 473-540.

Quem fala por Platão em seus diálogos?

astronomia, um *mathema* também este de vasta aplicação no interior da estrutura bipolar *techné/episteme*. De fato, a astronomia é particularmente útil à agricultura, à navegação, à arte militar e à compreensão das estações, meses e anos (527 d 2-4). Mas não reside aí o seu aspecto mais elevado. Aliás, diz Platão, o uso elementar da astronomia deve ser evitado na medida em que “corrompe e obstaculiza” (527 e 1) a faculdade da alma com a qual – mais do que com “inumeráveis olhos” (527 e 2) – pode-se contemplar a verdade (e que, por isso mesmo, interessa salvar acima de tudo). A bem da verdade, é sobremaneira natural que quem nada compreende sobre o tema considere inúteis e não dignas de estima aplicações diversas das técnicas com as quais trabalham. Mesmo entre os que aspiram à filosofia há vítimas de uma inversão espaço-axiomática característica da astronomia: de fato, diz Platão, pensam olhar para o alto quando, na verdade, olham para baixo (528 e 6 – 529 a 7). Assim, não obstante a sua beleza e regularidade, “os ornamentos que comparecem no céu” (529 c 7) da realidade visível são ontologicamente inferiores à verdadeira realidade, cuja existência pode ser contemplada não com a vista mas tão-somente com o intelecto.

Segue-se ainda no elenco das *mathemata* do *curriculum* preparatório da *República* a então recém descoberta estereometria – disciplina que trata dos corpos sólidos em repouso (528 a 9 – b 5; cfr. 528 d 5 – e 5) e cuja discreta utilidade prática/cotidiana equipara o vulgo impreparado e os estudiosos que não conseguem entender, tal como se dá com suas co-irmãs, a sua mais significativa aplicação – e conclui-se, enfim, com a harmonia, saber que encontra na astronomia técnica a sua correspondente auditiva, na medida em que dedica-se aos movimentos sonoros harmônicos (530 d 6-11) e cuja má condução é similar àquela mais vezes indicada para as disciplinas já citadas na *paideia* reformadora de Platão (530 e 5 – 531 a 3), isto é, amparada “mais

no ouvir do que na inteligência” (531 a 8 – b 1) e não, como deveria ser, na “busca pelo belo e pelo bom”.

Note-se, então, que o quadro dos saberes de base que compõem o *currículum* formativo da *República* é o mesmo que Teeteto diz aprender de Teodoro no diálogo sobre a ciência (145 c 7 – d 3). Por isso mesmo, não deve surpreender que, diante das dificuldades impostas pela investigação proposta por Sócrates, Teeteto procure imediato abrigo em sua experiência específica de estudante de geometria. O perspicaz passo do jovem em direção ao exercício matemático – cujo resultado Sócrates considera, naquele contexto, “o melhor na esfera do humano” (148 b 3) – não apenas depõe a favor das suas habilidades em relação às ciências preparatórias mas demonstra também que ele é disposto a valer-se delas para ir além dos limites *banausicos*, ou meramente técnicos, que as imobiliza no interior da sua dimensão mais elementar e menos útil para os fins da pesquisa em curso. A advertência de Sócrates na *República*, de fato, esclarece e fundamenta a postura de Teeteto (534 d 3-6):

SÓCRATES: Mas se um dia te acontecesse de cuidar seriamente dos jovens que agora educas em teoria, não os permitirias, como penso, que sejam como linhas irracionais, se devem governar a Cidade e ser soberanos das coisas mais importantes.

Uma clara referência de caráter metodológico – ilustrada pelo problema das grandezas incomensuráveis (já tratadas, não por acaso ao que parece, no prólogo do *Teeteto*) – que, uma vez mais, sublinha a importância de uma prática adequada das disciplinas propedêuticas, cujo escopo mais elevado não é outro que o de recolher, mediante rigoroso método científico, a essência das coisas (533 b 2-3).

Quem fala por Platão em seus diálogos?

Eis, portanto, o que parece querer Platão com aquele Teeteto semi-histórico que põe em cena: que seja o protótipo do jovem *pré-dialético*, símbolo de um novo modo de pensar as matemáticas e, por consequência, modelo de um indivíduo disposto a entender e aplicar as potencialidade filosóficas dos conhecimentos dianoéticos que acumulou. Um proto-representante de um saber preparatório tipicamente platônico-teorético, reformado e em condições de, se bem orientado, alcançar o que unifica as *mathemata* de base e de demonstrar a sua recíproca afinidade (baseada no seu poder comum de arrastar para a justificação última dos princípios dos quais se servem) (531 c 9 – d 4).

Mas o nosso Teeteto não é ainda um dialético. Os seus domínios estão circunscritos aos saberes intermediários, isto é, ao “prelúdio da ária que ainda deve aprender” (531 d 8). De fato, diz o Sócrates de Platão (531 d 9 – e 1),

(...) não pense que os especialistas naquelas disciplinas sejam dialéticos.

E se ele, jovem *expert*, “tem contrações”, isto é, está “grávido” de ânimo de escutar finalmente aquela ária, não se pode fazer outra coisa que requerer a ajuda do indivíduo apropriado à delicada situação, um obstetra das almas gestantes capaz de bem indicar os procedimentos a serem observados, o que neste contexto significa, exatamente, preparar o terreno para o nascimento de um dialético.

Quem fala por Platão no *Teeteto*?

Com todos os seus limites e as suas qualidade, *Teeteto* – assim como, em geral, todos os personagens postos em cena pelo nosso filósofo – são, portanto, parte fundamental da técnica de comunicação adotada por Platão no *Teeteto*. Trata-se, a bem da verdade, da efetiva verificação da tese do *Fedro* segundo a qual o bom ensinamento e a boa persuasão dependem de uma real articulação do discurso em função da capacidade da alma de receber a mensagem que ele porta consigo (277 c 5-6).

A seu modo – seguramente peculiar, é inútil negá-lo –, o *Teeteto* é um manual fictício de introdução à “verdadeira filosofia”, da qual fala a *República* (521 c 5 – d 4), para os jovens *pré-dialéticos*, um instrumento definidor da *orthopraxia* requerida ao homem de filosofia; muito provavelmente, a primeira obra que se propõe a enfrentar sistematicamente, revestida de uma forma *ipsis verbis* “exemplar”, a formação do guardião do Estado Ideal. Deste ponto-de-vista, o êxito negativo do diálogo não é outra coisa senão a conclusão previsível de um projeto de comunicação filosófica – amplamente anunciado pelo Autor – cujos termos se distribuem em um contexto dramaticamente bem pensado; um êxito incapaz não apenas de abalar o eixo de sustentação do núcleo central da metafísica platônica do período intermediário – evocada nos diálogos anteriores ao *Parmênides* –, mas que, sob certos aspectos, inclusive o pressupõe, na forma de um conteúdo de fundo essencial para a compreensão da estrutura compositiva do *Teeteto*.

Em suma, Platão joga conscientemente com a descrição dos personagens que faz atuar: representações paradigmáticas de certos perfis – às vezes radicados em uma *verità effettuale* – cuja dramatização é pensada tanto em função do tratamento que se quer dispensar a um dado tema quanto com base em um seu recíproco condicionamento cênico-comportamental. Por isso mesmo, vale destacar, a conseqüente – porque

Quem fala por Platão em seus diálogos?

inevitável – relação de identidade entre os personagens e o Autor do texto, visto estarem a serviço do que ele que comunicar. Não são fantoches nas mãos dos nosso filósofo, isto é certo, e a instabilidade da sua caracterização – e aqui pensamos principalmente em Sócrates – deriva do que Platão considera ser o modo correto de dizer filosofia, isto é, tendo sempre como um ponto-de-referência metodológico irrenunciável a adaptação dos discursos à capacidade de aprendizado dos interlocutores (verificável em dois níveis distintos mas complementares: tanto na relação texto-leitor quanto na relação *intra* interlocutores dramatônicos)⁹.

Analisado do ponto-de-vista da prosopografia – isto é, do modo com o qual descreve os seus personagens –, o “jogo” platônico do *Teeteto* reflete emblematicamente a teoria comunicativa do seu autor, chamando a atenção do leitor não apenas para “o conteúdo teórico que se desvela diante de nossos olhos”, mas também diante dos “instrumentos teóricos e dramáticos que ele livremente cria”, precisamente para verificar “o que está revelando e o que está escondendo, o que está sugerindo ou pedindo”, sempre em função de uma mensagem de fundo essencial, motivo de todo o discurso¹⁰.

A aporia do *Teeteto*, então, não é “socrática” mas eminentemente “platônica”. Com efeito, “quem é o porta-voz de Platão? Não é nem Sócrates (ou algum outro herói), nem nenhum dos personagens, mas todos (...). O que temos, devo dizer, é Platão debatendo com ele mesmo (sincronicamente) e

⁹ Procedimento comprovado, ao que parece, também pelo seu modo público de proceder. Cfr. GAISER, K. *Testimonia Platonica: Le antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1998, p. 18.

¹⁰ MIGLIORI, M (intervento). *Platone tra oralità e scrittura: Un dialogo di Hans-Georg Gadamer con la Scuola di Tubinga e Milano e altri studiosi*. Bologna: Tascabili Bompiani, 2001, pp. 43-44. Para uma análise do elementos textuais que compõem a teoria platônica do *escrito-jogo*, cfr. XAVIER, Denny G. Composição dramática e maiêutica no *Teeteto* de Platão. *Princípios* (Natal), v. 14, n. 21 (jan/jun de 2007), pp. 175-194.

Dennys Garcia Xavier

criticando ele mesmo (diacronicamente). Fundamentalmente, a razão desta leitura é que os diálogos não são tratados, mas obras de arte, o que significa que os personagens, embora geralmente inspirados em figuras históricas, são, afinal de contas, criações da arte e da imaginação de Platão”¹¹.

¹¹ OSTENFELD, E. *Who speaks for Plato? Everyone!*. In G. A. Press (ed.), *Who speaks for Plato? Studies in Platonic Anonymity*, Rowman & Littlefield Publishers, USA, p. 212 (cfr. também p.216). Para uma relação “mais conservadora” da relação *autor-personagem*, cfr. SEDLEY, David. *The Midwife of Platonism. Text and Subtext in Plato’s Theaetetus*. Oxford: Oxford University Press, 2004 (especialmente pp. 6-7) e LONG, A.A. *Plato’s Apologies and Socrates in the Theaetetus*. In: GENTZLER, J (ed). *Method in Ancient Philosophy*. Oxford, 1998.

Quem fala por Platão em seus diálogos?

Referências bibliográficas

- PLATÃO. (1892-1906). *Platonis Opera*. Editado por J. Burnet. Oxford, (com várias edições).
- BLONDELL, R. (2002). *The Play of Character in Plato's Dialogues*. New York: Cambridge.
- CATTANEI, E. *Le matematiche al tempo di Platone e la loro riforma*, In. *Platone: La Repubblica*. Traduzione e commentario a cura di M. Vegetti, Vol. V, Libri VI-VII. Napoli: Bibliopolis, 2003
- CHAPPELL, T. (2004). *Reading Plato's Theaetetus*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company.
- CORNFORD, F. M. (1935). *Plato's Theory of Knowledge*. London: Routledge.
- GAISER, K. *Testimonia Platonica: Le antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone*. Milano: Vita e Pensiero, 1998.
- LONG, A.A. *Plato's Apologies and Socrates in the Theaetetus*. In: GENTZLER, J (ed). *Method in Ancient Philosophy*. Oxford, 1998.
- MELE, A. *Il Teeteto platonico tra storia e finzione letteraria*, In. *Il Teeteto di Platone: strutture e problematiche*. A cura di G. Casertano. Napoli: Loffredo Editore, 2002.
- MIGLIORI, M (intervento). *Platone tra oralità e scrittura: Un dialogo di Hans-Georg Gadamer con la Scuola di Tubinga e Milano e altri studiosi*. Bologna: Tascabili Bompiani, 2001.
- NAILS, D. *The people of Plato: A Prosopography of Plato and Other Socratics*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2002.

Dennys Garcia Xavier

- OSTENFELD, E. (2000) *Who speaks for Plato? Everyone!*. In G. A. Press (ed.), *Who speaks for Plato? Studies in Platonic Anonymity*, Rowman & Littlefield Publishers, USA, pp. 211-19.
- SEDLEY, D. *The Midwife of Platonism. Text and Subtext in Plato's Theaetetus*. Oxford: Oxford University Press, 2004
- XAVIER, D.G. *Composição dramática e maiêutica no Teeteto de Platão*. *Princípios (Natal)*, v. 14, n. 21 (jan/jun de 2007), pp. 175-194.